

CORREIO SATURNINO

Roberto Saturnino Braga

Artigo nº 194/2012

O PRIMEIRO PASSO

A grande expectativa sobre uma mudança de paradigma do capitalismo neoliberal em direção à vertente socialista excita as antenas dos observadores afeiçoados ao novo ideário. A crise financeira revigorada no ano passado parece a muitos levar necessariamente a esta mudança, entretanto nenhuma decisão objetiva de qualquer autoridade nesse sentido ocorreu nos últimos seis meses, nenhum sinal mesmo, em reposta às fortes manifestações políticas de populações angustiadas.

Eis que agora surge um gesto importante de mudança: um anúncio do que já seria uma decisão da França e da Alemanha, extensiva a toda a zona do Euro (Reino Unido fora, evidentemente) de criação de uma taxa imposta a todas as operações financeiras destinada a criar um fundo de assistência a economias em dificuldades. Há mais de vinte anos, se a memória não me falha, o economista James Tobin, Prêmio Nobel, propôs a criação desta taxa com uma destinação diferente, voltada para um fundo de desenvolvimento das nações mais pobres, sob a administração da ONU. A reação do mercado na época, porém, foi mais de mofa, uma espécie de riso benevolente ante uma palavra infantil bem intencionada, do que de consideração séria de proposta adulta.

No Brasil a excitação foi grande e impressionou bastante os grupamentos políticos mais à esquerda, que mantiveram por muito tempo em pauta a proposição Tobin. A Comissão de Economia do Senado chegou a enviar um convite formal ao ilustre economista, por iniciativa do Senador Suplicy, para vir fazer uma exposição mais detalhada da sua idéia que parecia viável e muito promissora. Tobin agradeceu bastante o convite mas disse, admiravelmente, que não viajaria sem sua esposa e ela não tinha condições de saúde para vir.

Era, na verdade, uma proposta muito mais revolucionária, na medida em que possuía uma grande dimensão política em busca da justiça; dimensão que falta a esta atual, voltada pragmaticamente para a solução dos problemas econômicos da União Européia.

Não deixa, entretanto, de ser um passo importante, este projeto Sarkozy-Merkell, na medida em que abre uma brecha intervencionista nesse monolítico sistema financeiro que tem tido, até aqui, um comando absoluto da política mundial, exercido em nome do liberalismo, ou da democracia. As próprias regras de um controle mais rígido propagadas ao início da recidiva da crise não avançaram além do noticiário. Esta proposta de agora, se confirmada e efetivada, constituirá o primeiro desvio concreto, observado em países do primeiro mundo, em relação às diretrizes ortodoxas do Fundo Monetário, que acompanha sempre os interesses dos grandes bancos. Vale lembrar que esses grandes bancos, dos Estados Unidos e da Europa, receberam ajudas astronômicas, absolutamente escandalosas, na casa do trilhão de dólares de recursos públicos, dos governos respectivos, sem informação explícita da mídia, sempre tão atenta à corrupção de ordem menor.

Merece, pois, ser saudada esta medida anunciada, e cobrada a sua efetivação, que corre o grave risco de ser engavetada e esquecida no conjunto das reações suscitadas com o estranho rebaixamento das notas da França e de vários países da zona do Euro, feita por agências de classificação que são igualmente vinculadas aos interesses dos grandes bancos comandantes.

Para nós, brasileiros, essa novidade tem um significado especial, na medida em que traz uma grande expressão de apoio à nossa política de intervenção governamental na economia e no próprio sistema financeiro, e reforça a nossa posição de manter e revigorar nossos bancos públicos que desempenharam um papel decisivo na superação da crise internacional.

Roberto Saturnino Braga

Contatos: saturnino.braga@uol.com.br
www.saturninobraga.com.br